

“Se o negro não fala da discriminação, é porque é complexado; e se fala, é porque é um metido”

Adson Carvalho, empresário negro



“A sociedade civil está passando por uma crise de mobilização, e o Movimento Negro Unificado não passou incólume”

Mônica Alves de Oliveira, militante do MNU

Ex-favelado é empresário e milionário

Adson Carvalho possui em Recife uma empresa de informática que deve faturar neste ano US\$ 100 milhões

Do enviado especial a Recife

Paulo, Santiago do Chile e Atlanta, nos Estados Unidos.

Os mal-entendidos racistas são frequentes em sua rotina, mas Adson Carvalho diz que dificilmente se deixa aborrecer por causa deles.

Sua relativa bonomia, nessa questão dolorosa para os negros mais pobres, fundamenta-se no discurso do self-made-man.

“Sou contra qualquer marca de desgosto e não concordo com os movimentos que estimulam o conflito. Se eu tivesse tempo para lutar, participaria de algum grupo conciliador”, diz ele.

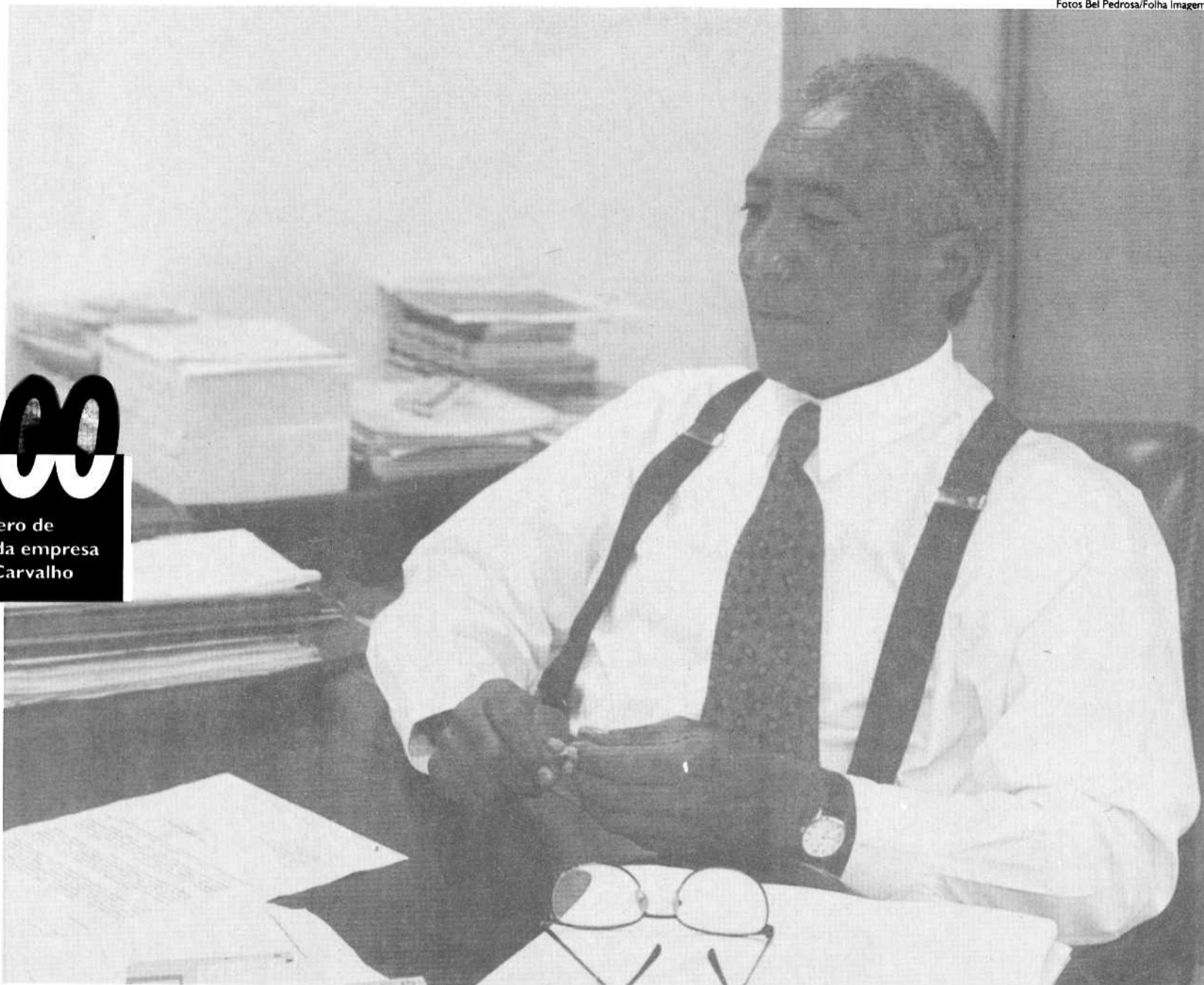
“O que não quero é me envolver com qualquer movimento de revolta”, reafirma, como se já tivesse há tempos a frase na ponta da língua.

Pai de cinco filhos, morador num apartamento de 500 metros quadrados na praia da Boa Viagem, em Recife, ele se relaciona com o mundo do qual saiu por meio de um assistencialismo constante e discreto.

Sustenta um cursinho pré-universitário, instalado numa favela, e está projetando uma escola de informática numa das regiões pobres da cidade.

Define-se como empresário nordestino. “O que eu não tenho é complexo de inferioridade por ser negro. Não me acanho em falar com quem quer que seja.”

(João Batista Natali)



Fotos Bel Pedrosa/Folha Imagem

Carvalho em seu escritório no bairro de Boavista, em Recife, vai construir o prédio 'Adson Tower' para sediar sua empresa

3.200
é o número de empregados da empresa de Adson Carvalho

Adson Carvalho, 58, entrou numa concessionária para obter informações sobre um automóvel Mercedes 300 E. Mas o vendedor lhe perguntou se, em lugar do carro, não era um caminhão que ele em verdade desejava.

Semanas atrás, à entrada do hotel Sheraton Mofarrej, em São Paulo, um hóspede um tanto amistoso bateu-lhe no ombro e indagou-lhe se eram bem pagos os motoristas de limusine.

Adson jamais choferou quem quer que seja, possui sua própria Mercedes de US\$ 140 mil e projeta comprar em breve um jatinho. Nos dois episódios, foi assimilado a alguém humilde simplesmente porque é negro.

Sua empresa de informática, a IT (Internacional de Tecnologia), tem para 1995 uma previsão de faturamento de US\$ 100 milhões. É especializada em serviços de transmissão de imagem digitalizada.

Instalada por enquanto no centro de Recife, ela poderá se mudar dentro de pouco mais de um ano para um prédio com 15 andares revestidos de mármore e enfeitado, no topo, com uma esfera metálica de 15 metros de diâmetro. Vai se chamar Adson Tower.

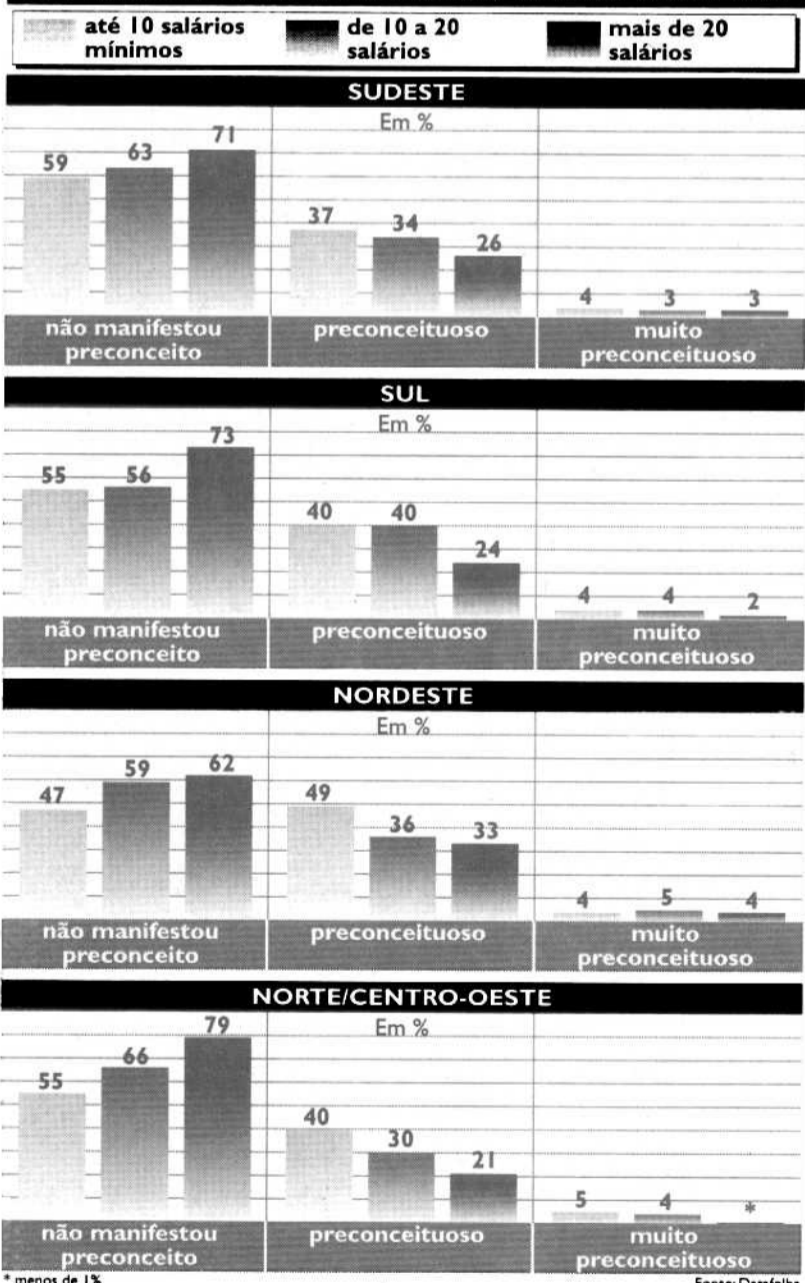
Adson Carvalho é provavelmente o mais rico dos negros brasileiros. Nasceu numa favela em Belém (PA), ficou órfão aos 3 anos e foi criado por um tio sapateiro.

Trabalhou como auxiliar de escritório da Panair do Brasil (uma empresa aérea) e, quando nos anos 60 ela quebrou, ele, estudante de engenharia em Recife, prestou concurso e entrou para a IBM.

Criou sua própria empresa em 1975. Ela possui filiais em São

O PRECONCEITO SEGUNDO A RENDA FAMILIAR

Editoria de Arte/Folha Imagem



Pobre manifesta mais preconceito

Do enviado especial a Recife

A tendência mereceria ao menos duas interpretações.

A primeira: a população de maior renda é também a de maior nível de escolaridade, o que permite encarar de maneira mais racional o caráter irrelevante que a cor da pele possui.

A segunda: numa sociedade carente, as pessoas de renda mais baixa precisam competir mais umas com as outras em torno de necessidades essenciais. A cor da pele pode então virar critério para a desqualificação do concorrente.

De qualquer modo, em todas as regiões é constante o fato de o racismo se manifestar com frequência bem maior entre os entrevistados com renda inferior.

Independentemente da região pesquisada pelo Datafolha, quem tem mais dinheiro tende a ser menos racista e, inversamente, o preconceito racial é maior nas faixas da população de menor renda.

No Sudeste, por exemplo, 71% dos mais ricos não manifestam preconceito, 12 pontos a mais do que os mais pobres. No Sul, a diferença é de 18 pontos, no Nordeste de 15 pontos e no Norte/Centro-Oeste de 24.

Com exceção do Nordeste, nas demais regiões a parcela dos muito preconceituosos de baixa renda é bem menor que a dos entrevistados de renda mais elevada.

UMA ONG

Djumbai cuida da cultura

Do enviado especial a Recife

Recife possui 3.589 professores na rede pública municipal. Estão todos na mira de uma entidade chamada Djumbai.

A palavra significa acontecimento, em língua crioula da Guiné-Bissau, e a ONG (organização não-governamental) se formou há três anos para permitir que as escolas cumpram o artigo da Lei Orgânica (1989) que prevê, para as crianças, o ensino de elementos da cultura afro-brasileira.

“Fazemos a ponte entre as escolas e os grupos artísticos e religiosos do Fórum de Entidades Negras de Pernambuco”, diz Mônica Gomes, 30.

“Por outro projeto, já editamos dois livros e dois discos”, afirma Gláucia Maria, 31, outra responsável pela entidade.



Mônica Gomes e Gláucia Maria, da Djumbai, uma ONG dirigida às escolas de Recife

A OTIMISTA

Cresce total de queixas à polícia

Do enviado especial a Recife

Mônica Alves de Oliveira, 27, optou por ser dirigente do MNU (Movimento Negro Unificado).

Reconhece que o lobby anti-racista é incipiente, que o próprio MNU sofre os reflexos da crise de militância nas entidades da sociedade civil, mas também acredita que há algo de novo em Pernambuco: “Os negros discriminados estão tomando coragem de prestar queixa à polícia.”

Há quatro casos nos últimos três anos, embora só um deles ainda possa ser objeto de sentença do Judiciário.

Há muito ainda a ser feito, diz ela, a começar pela mentalidade dos próprios negros. “As meninas não se conformam porque o cabelinho delas não balança como o da Xuxa.”



Mônica Alves de Oliveira, 27, que é dirigente do Movimento Negro Unificado